

## Morte e vida Severina: a entonação mística de João Cabral de Melo Neto

GERSON LOURENÇO PEREIRA \*

### Resumo:

Partindo das reflexões a respeito do fenômeno religioso em Henri Bergson, compreendendo-o como uma entonação mística do filosofar, o presente artigo procura confirmar na obra *Morte e Vida Severina*, a expressão de uma experiência mística orante do autor, João Cabral de Melo Neto, diante do drama dos retirantes do Nordeste Brasileiro.

**Palavras-chave:** João Cabral de Melo Neto; literatura brasileira; mística; Henri Bergson

**Morte e vida Severina: the mystical intonation of João Cabral de Melo Neto**

### Abstract:

Starting from the reflections about the religious phenomenon in Henri Bergson, understanding it as a mystical intonation of philosophizing, this article seeks to confirm in the work *Morte e vida Severina*, the expression of a praying mystical experience of the author, João Cabral de Melo Neto, in the face of the drama of withdrawals from the Brazilian Northeast.

**Key words:** João Cabral de Melo Neto; Brazilian literature; mystical; Henri Bergson.



\* **GERSON LOURENÇO PEREIRA** é Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; professor de ensino religioso na Rede de Ensino do Município de São João de Meriti (RJ).



### Introdução

João Cabral de Melo Neto (1920-1999), Poeta Pernambucano, cuja obra e influência se inserem na terceira fase do movimento literário modernista, compreendida entre 1945 a 1980, celebraria neste ano o seu centenário. Foi diplomata e membro da Academia Brasileira de Letras. Junto a nomes de sua geração, como Clarice Lispector, João Guimarães Rosa, Ariano Suassuna, Lygia Fagundes Telles, imprimiu algumas marcas na literatura brasileira, das quais destacam-se a experimentação artística; a linguagem objetiva; e a tematização dos problemas sociais e angústias humanas.

Precisamente sobre gênero poético, os traços peculiares nessa fase são a preocupação com a estética; a metrificacão e versificação; a busca pela perfeição; e o culto à forma. Aspectos presentes e bastante ressaltados na obra de Melo Neto, rendendo-lhe a alcunha de *Poeta Arquiteto/Engenheiro*. Sua primeira publicação foi *Pedra do Sono*,

em 1942; e a última, *Tecendo a manhã*, em 1999. Evidenciando rastros surrealistas, no curso do seu legado poético despontam também o concretismo, a aridez descritiva e a objetividade como tons predominantes, fugindo de qualquer tendência romântica.

Peculiaridades surpreendentes a apreciadores/as da poesia e que são demonstradas com clareza em *Morte e vida Severina*, subintitulada *Auto de natal pernambucano*.

Contudo, apesar de seguir nesse tom concreto e realista, em *Morte e vida* pode ser capturada uma entonação mística, possivelmente não intencional, revelando autêntica experiência sensivelmente orante do autor. Assim consentindo, este artigo pretende ser tanto uma deferência ao legado cabralino para a literatura brasileira, resgatando o valor dessa herança por ocasião dos seus 100 anos de nascimento de Melo Neto; como uma abordagem filosófica sobre a presença do aspecto religioso contido neste auto de natal, obra paradoxalmente lírica e realista.

Seguindo a linha demarcada no pensamento do filósofo francês Henri Bergson (1859-1941), sobretudo no que desenvolve conceitualmente como *Religião dinâmica* e *élan vital*, o caminho que será trilhado neste texto consiste, em primeiro lugar, na descrição e análise do poema *Morte e vida Severina* em seu contexto, intencionalidade e mensagem. Em segundo lugar, na abordagem filosófica da experiência mística, conforme o referencial proveniente do pensamento religioso de Bergson. Em terceiro e último lugar, nos direcionamentos possibilitados pelo olhar bergsoniano lançado sobre a referida peça literária.

***Morte e vida Severina* em seu contexto**

Toda obra de João Cabral de Melo Neto, segundo a análise e crítica de Suttana (2015), é marcada pela narrativa formal idônea da realidade, rompendo com os aspectos edulcorados da poesia tradicional, desconstruindo os seus mitos e linguagens. Em uma palavra, ao descrever a realidade de uma forma tão crua e objetiva, ele parece contradizer o propósito de uma narrativa poética. Porém, não se trata de uma tentativa de suavizar a realidade pela lírica; e sim, com lirismo, concretar a poesia. Essa é a chave de leitura para devida compreensão da obra literária em questão, *Morte e vida Severina*.

Escrita entre 1954 e 1955, *Morte e vida* narra a trajetória de um migrante nordestino, Severino, que deixa o sertão pernambucano rumo à capital Recife, no litoral. No prefácio da edição comemorativa dos sessenta anos do poema, Antônio Carlos Secchin (2016) observa que, em geral, a literatura cabralina foi formada no intervalo entre a casa grande e os ecos da senzala, conjugando a escrita culta com a “fabulação do cordel, a métrica popular, o gosto pela narrativa e pela representação de um mundo de coisas concretas, ao alcance das mãos e dos olhos”. (p. 9)

Em sua carreira diplomática, João Cabral atuou na Espanha, trabalhando nas cidades de Barcelona, Madri e Sevilha. Foi onde, provavelmente, recebeu influências determinantes e presentes nos seus escritos, tais como o anti idealismo, o antiespiritualismo, o materialismo. Confirmando esse aspecto biográfico, no mesmo prefácio de *Morte e vida*, dessa vez destacando especificamente o poema, Secchin faz a seguinte descrição:

A obra trava um complexo diálogo com as fontes cultas e populares da

literatura espanhola, abastecendo-se também no rico manancial do folclore nordestino. E é justamente essa reciclagem do antigo que acaba tornando-se, paradoxalmente, um dos fatores de renovação da poesia de João Cabral, que injeta doses maciças de veio crítico nesse seu aproveitamento das formas da tradição. (p.10)

Em 1965, o texto ganhou uma versão teatral musicalizada por Chico Buarque de Holanda. Encenada em Nancy, na França, essa adaptação teatral recebeu o prêmio do Festival Mundial de Teatro Universitário, em 25 de abril de 1966, sendo destaque nos jornais *Le Figaro* e *Le Monde*, sendo aclamada pela crítica daquele momento.

Todavia, a recepção desta obra por círculos cultos e especializados desapontou, em certa medida, seu autor. A expectativa do próprio João Cabral fora que tal narrativa atingisse fundamentalmente as camadas populares, disposta como cordel, sobretudo para os nordestinos que com ela se identificariam. Em entrevista concedida a Geneton Moraes Neto, em 1986, citada na mesma edição comemorativa, confessou bem ao seu estilo:

Quando escrevi *Morte e vida severina*, tinha a impressão de que seria uma coisa tão popular quanto os romances do Nordeste, os romances de cordel. Quando o livro saiu, vi que quem me elogiava eram os intelectuais. Eu lembro do entusiasmo de Vinicius de Moraes. Eu disse: “Vinicius, não escrevi para você! Para você, escrevi outras coisas!”. Eu tinha a impressão de que estava escrevendo aquele poema para o povo. Quase me danei... (p. 17)

Expectativas malogradas a parte, *Morte e vida* é a obra mais famosa de João

Cabral de Melo Neto (adaptada também para o cinema, para a televisão, como animação e em quadrinhos), sendo uma poesia marcada pela visceralidade. Por ser uma peça natalina, faz convergir a matriz da narrativa cristã do nascimento de Jesus para o interior de uma releitura secular, não religiosa (aspecto que será discutido adiante, neste artigo). Como essa narrativa foi construída?

O poema *Morte e vida* está estruturado em dezoito atos. Inicia com a autoapresentação do personagem principal: O retirante explica ao leitor quem é e a que vai:

O meu nome é Severino  
não tenho outro de pia.  
como há muitos Severinos,  
que é santo de romaria,  
deram então de me chamar  
Severino de Maria;

No segundo ato, Severino se depara com dois homens carregando um defunto em uma rede. Em resposta à pergunta:

A quem estas carregando,  
irmãos das almas,  
embrulhados nessa rede?  
Dizei que eu saiba.

Severino é informado se tratar de um lavrador, morto em uma emboscada. Sua jornada então prossegue pelo terceiro ato, descrevendo as vilas que margeavam o rio Capibaribe, por onde passaria como um rosário, sem se perder, em alusão imagética do universo religioso regional. Quão surpreendente, entretanto, ver o rio cortado pelo verão:

Mas como segui-lo agora  
que interrompeu a descida?  
Vejo que o Capibaribe,  
como os reios lá de cima,  
é tão pobre que nem sempre  
pode cumprir sua sina.

Ato seguinte, o retirante da história chega a uma casa onde estão cantando

excelências para outro morto (quarto ato). Cansado, pensa em interromper a viagem no quinto ato, com o desabafo:

Desde que estou retirando  
só a morte vejo ativa,  
só a morte deparei  
e às vezes até festiva;  
só a morte tem encontrado  
quem pensava encontrar vida,  
e o pouco que não foi morte  
foi de vida Severina  
(aquela vida que é menos  
vivida que defendida,  
e é ainda mais Severina  
para o homem que retira).

Prosseguindo em sua jornada, encontra-se como uma mulher na janela de uma casa (sexto ato). Pede-lhe trabalho. Esta pergunta que ofício realizava: “o que fazia o compadre da sua terra de lá?”. Contudo, suas respostas não eram satisfatórias, pois nenhuma habilidade se adequava à realidade daquele lugar. Quando a mulher irrompe com um esclarecimento desconcertante:

Como aqui a morte é tanta,  
só é possível trabalhar  
nessas profissões que fazem  
da morte ofício ou bazar.

Chegando na Zona da Mata, Severino cogita interromper mais uma vez sua viagem, pois ali parecia-lhe promissora a vida (sétimo ato). Porém, a expectativa de um estabelecimento próspero se desvanece ao assistir o enterro de ouro trabalhador, ouvindo o que diziam do morto, neste que é o oitavo ato:

Essa cova em que estás,  
com palmos medida,  
é a conta menor  
que tiraste em vida.  
É de bom tamanho,  
nem largo nem fundo,  
é a parte que te cabe  
deste latifúndio.

Resolvido a manter-se a passos largos na direção de Recife, o retirante Severino recorre novamente a imagem do rosário que o guia no nono ato:

Sim, o melhor é apressar  
o fim desta ladainha,  
fim do rosário de nomes  
que a linha do rio enfia;  
e chegar logo ao Recife,  
derradeira ave-maria  
do rosário, derradeira  
invocação da ladainha,  
Recife, onde o rio some  
e esta minha viagem se fina.

Finalmente, chegando ao Recife, no décimo ato senta-se para descansar ao pé de um muro alto e caiado. Tratava-se do muro de um cemitério, de onde escuta a conversa entre dois coveiros. Um diálogo permeado pela ironia que finda, entretanto, com um recado desalentador para o ouvinte invisível:

E esse povo lá de riba  
de Pernambuco, da Paraíba  
que vem buscar no Recife  
poder morrer de velhice,  
encontra só aqui chegando,  
cemitérios esperando.

Não é viagem o que fazem,  
vindo por essas caatingas, vargens;  
aí está o seu erro:  
vem é seguindo seu próprio enterro.

Resignado à má sorte, desesperançado, no ato seguinte Severino lamenta em um dos cais do rio Capibaribe:

E chegando, aprendo que,  
nessa viagem que eu fazia,  
sem saber desde o Sertão,  
meu próprio enterro eu seguia.

Diante do rio, cogita triar a própria vida:  
A solução é apressar  
a morte a que se decida  
e pedir a este rio,  
que vem também lá de cima,  
que me faça aquele enterro  
que o coveiro descrevia.

Quando é surpreendido, no décimo segundo ato por José, mestre carpina, morador de um dos mucambos existentes entre o cais e a água do rio. Em tom de confissão, usando a metáfora da ponte como a travessia da vida; e do rio, o mistério do fim; Severino sugere:

Seu José, mestre carpina,  
que diferença faria  
se em vez de continuar  
tomasse a melhor saída:  
a de saltar na noite,  
fora da ponte da vida?

A conversa entre Severino e José é atravessada por uma mulher, no décimo terceiro ato, que anuncia o nascimento do filho de mestre carpina. Os atos subsequentes relatam a chegada dos vizinhos, amigos, ciganas para homenagear o nascido (décimo quarto); a entrega de presentes da gente pobre, mas generosa e esperançosa, ao recém-nascido (décimo quinto); a vidência sobre o futuro da criança por duas ciganas (décimo sexto); e a afirmação da vida e da esperança pelos vizinhos e amigos que vieram presentear (décimo sétimo):

É belo porque com o novo  
todo velho contagia.  
Belo porque corrompe  
com sangue novo a anemia.  
Infecciona a miséria  
com vida nova e sadia.  
Com oásis, o deserto,  
com ventos, a calmaria.

No derradeiro ato, retomando a conversa suspensa, encantado pela vida nova que irrompeu, José, mestre carpina, responde a indagação de Severino sobre a alternativa do fim da vida:

E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,

vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida;  
mesmo quando é assim pequena  
a explosão, como a corrida;  
mesmo a de há pouco, franzina;  
mesmo quando é a explosão  
de uma vida Severina.

Essa breve descrição sobre a estruturação, somado ao teor do discurso com os quais a narrativa de *Morte e vida* foi construída, possibilita uma discussão em torno da forma e conteúdo partindo de algumas categorias pensadas pelo teólogo Paul Tillich, estabelecidas como referenciais para análise da arte moderna.

Tillich (2006), concebendo a religião (de matriz cristã) existencialmente como uma experiência humana de inquietação última a respeito do próprio ser, do indivíduo com o mundo, bem como a auto compreensão sobre sua alienação e finitude permeada por símbolos e ritos; cogitou quatro níveis de relação com a arte, determinantes para a crítica da forma e do conteúdo. O primeiro nível, é o da inquietação última, expressada indiretamente na arte secular com estilo e conteúdo não religiosos. O segundo nível, evidencia estilo religioso e conteúdo não religioso. O terceiro, formas seculares não religiosas e conteúdo religioso. O quarto nível, estilo e conteúdo religiosos. (p. 34-36)

Muito embora Tillich tenha estabelecido esses critérios para análise das artes plásticas, os mesmos são perfeitamente aplicáveis para a observação de estilos e conteúdos em outras expressões, tal como a literatura. Assim sendo, como poderia ser categorizado o poema de João Cabral de Melo Neto? Nessa perspectiva, *Morte e vida* se apresenta com um estilo religioso identificado na forma marcadamente popular de também expressar a fé, o cordel. Essa forma de expressão artística literária concerne a

uma matriz religiosa (BITTENCOURT FILHO, 2003), constitutiva da cultura brasileira, que configura um sistema de crenças menos confessional/institucional; e mais relacionado à espiritualidade livre manifesta nas dimensões pessoais e comunitárias.

Por conseguinte, mesmo se tratando de uma releitura secular, pelo critério de análise proposto, evocando mais uma vez a religiosidade matricial como constitutiva para a formação do *ethos* brasileiro, o conteúdo de *Morte e vida* também é posto em perspectiva religiosa, mesmo diante da insistente tentativa de entoá-la com os ecos do pessimismo realista. João Cabral não faz a opção pela via convencional existencial, quando a inquietação última quase que invariavelmente segue o fluxo da vida até à morte; mas ousa tomar o/a leitor/a pelas mãos, conduzindo-o/a pela contramão, na trilha tracejada pela morte e desesperança, à experiência de contemplação e encantamento pela vida.

Ainda que não intencionalmente, João Cabral de Melo Neto revelou uma forma de oração ao Mistério, manifestado no encontro com a vida, despertadora da esperança e motivação existenciais. Trouxe a possibilidade de imersão profunda, em um tipo de espiritualidade que extrapola as amarras privatizantes das estruturas confessionais, uma experiência mística.

Como seria direcionado o olhar filosófico sobre a experiência mística disposta em *Morte e vida Severina*? É o que será tematizado a seguir.

**Mística em perspectiva filosófica: contributo do pensamento religioso de Henri Bergson**

Como e onde se situam o místico e a mística? Praticamente, de uma forma condicionada, a humanidade indaga a respeito do seu lugar existencial no espaço e tempo, que seriam as camadas da realidade determinantes para a construção de sua identidade. Quanto maior o tempo de permanência em determinado espaço, maior a possibilidade de identificação e construção identitária a partir do ambiente que se ocupa, numa espécie de dependência entre essas camadas.

Exemplificando, dentro de um modelo familiar tradicional são definidos papéis que consistem no lugar que cada membro ocupa, assim como a permanência nesse espaço. Portanto, a atribuição do pai não será transferida para o filho, e muito menos para a mãe. Todavia, saindo o filho de casa, constituindo o seu espaço autônomo, continuará sendo filho daquele pai e daquela mãe. Mas, por que os papéis devem ser desempenhados dessa forma? Por determinantes culturais que condicionam, habitam e estabelecem paradigmas.

Quando se cogita o lugar do místico, indaga-se pelo espaço e sua permanência ali. Historicamente, ao místico destinava-se o ambiente institucional religioso, como condição de constituição ontológica para ser portador das comunicações divinas. Porém, pela originalidade de suas experiências, que por muitas vezes relativizavam os dogmas, despertaram a desconfiança e a revisão dos seus papéis, com menos liberdade e maior condicionamento doutrinário. Paradigmaticamente, a experiência mística autêntica é aquela feita por indivíduos de pertença religiosa, dentro de uma geografia

religiosa. Caso contrário, será marginal, inautêntica e herética.

Entretanto, o espaço e tempo do místico que se busca aqui não são os paradigmáticos, muito menos os condicionados e determinados histórico e culturalmente. Mas aqueles que extrapolam os fatores condicionantes, seguindo o seu curso existencial por vezes alheio do que não categorialmente experimenta. Aqueles situados em setores da sociedade, no âmbito político, na ciência, nas artes. Enfim, nos lugares de permanência que inusitadamente, sob olhar reprovação da ordem privada religiosa, serão chamados de espaços seculares improváveis.

Segundo Juan Martín Velasco (2003), diante da polissemia em torno do substantivo *mística*, em perspectiva fenomenológica, de uma forma geral se refere a

A experiências interiores, imediatas, fruitivas que tem lugar em um nível de consciência que supera a que rege na experiência ordinária e objetiva, da união – qualquer que seja a forma na qual a viva – do fundo do sujeito com o todo, o universo, o absoluto, o divino, Deus ou o Espírito. (p. 23)

Dentro dessa concepção abrangente da experiência, Velasco ainda sustenta que o fenômeno místico traz implicações morais e éticas. A união profunda com a dimensão/realidade transcendente pode ser vivida de múltiplas maneiras, porém tendo em comum a tomada de consciência existencial e a observância da simplicidade nos atos e, dentre outras expressões, no exercício da caridade nas relações comunitárias e fraternas (p. 454).

Atitudes éticas, imbuídas por princípios que promovam a dignidade e vida, são experiências humanas identificadas por Velasco como místicas, independentemente das referências ou

ausência de referência à religião, ou mesmo do rechaço à mesma (p.466). Essas ações descortinam a não privatização dogmática dessa experiência, rompendo com o paradigma imposto pelas instituições religiosas.

Prosseguindo na mesma direção, propedeuticamente, Leonardo Boff (BETO; BOFF, 2005), aponta para um sentido antropológico-existencial da *mística*, tematizada como a compreensão existencial do mistério presente na realidade da vida. Esse mistério é testemunhando por cientistas e sábios, despertando-lhes a veneração, o encantamento e humildade diante dessa realidade (p.35-37), adjetivando o vocábulo, antes substantivado, como experiência mística.

Nesse sentido, o filósofo francês de origem judaica, Henri Bergson (1859-1941), laureado com o Nobel de Literatura, em 1927; oferece um itinerário que conduz à compreensão abrangente, não privatizada, da experiência mística. É na obra *As duas fontes da moral e da religião*, publicada em 1932, que a temática religiosa é abordada de uma forma explícita e uma gama conceitual é disposta para o propósito deste artigo.

Bergson fixou o seu pensamento na filosofia moderna por sua originalidade, opondo-se ao kantismo, ao idealismo hegeliano e ao evolucionismo darwiniano (MICCOLI, 2002, p. 76). Por razões metodológicas, não será traçado o percurso do desenvolvimento das suas ideias, muito embora tragam elementos ricos para uma reflexão mais aprofundada. Importa aqui elencar quatro conceitos fundamentais, desenvolvidos na obra acima mencionada: *religião estática*, *religião dinâmica*, *misticismo* e *élan vital*; sendo indicativos possíveis de uma

metodologia para o estudo da *mística* (MACEDO, 2006).

Há uma linearidade e dependência desses conceitos propostos por Bergson. No que consistem? O primeiro, *religião estática*, consiste na visibilidade estrutural, nas formas socialmente externadas e aceitas de religião. Exerce uma função fabuladora, responsável pela construção dos mitos, a eleição de divindades e espíritos que tutelam a sacralidade das leis, provendo assim a coesão social gerando as normativas necessárias para a manutenção da sociedade fechada (BERGSON, 2005, p. 101, 166).

A forma *estática* da religião se contrapõe as forças da natureza, compreendidas como portadoras de “poder dissolvente da inteligência”:

Bastará, pois, que resumamos para definirmos esta religião em termos precisos. É uma reação defensiva da natureza contra o que poderia haver de deprimente para o indivíduo, e de dissolvente para a sociedade, no exercício da inteligência. (p. 175)

O segundo conceito cunhado por Bergson, *religião dinâmica*, seria a forma de contato direto com o esforço criador manifestado pela vida. Em um grau superior às sociedades fechadas se estabeleceria a sociedade aberta, constituída sobre as bases de uma moral dinâmica e tal força religiosa.

A formas estruturadas, assim como o universo ritualístico advindo dos condicionamentos e condicionantes constantes da forma *estática*, não funcionam para essa passagem, conduzindo à manifestação de uma *religião dinâmica*. Trata-se de uma experiência da alma que dispensa o uso de uma linguagem verbal inteligível (BERGSON, 2005, p. 172), cuja base é o *misticismo*, terceiro conceito a ser destacado.

Segundo Bergson, o *misticismo* se evidencia na união com a unidade da vida através da “tomada de contato e, por conseguinte, uma coincidência parcial do como o esforço criador que manifesta a vida. Esse esforço é de Deus, se não é o próprio Deus” (BERGSON, 2005, p. 201). “É... Entusiasmo, fé vivida” (MICCOLI, 2002, p. 82).

Se por um lado o *misticismo* é identificado como factível nas tradições religiosas da antiguidade, a forma completa da manifestação só foi possível na grande corrente mística cristã, não pela forma exteriorizada nos dogmas cristãos, mas pela via da experiência. “O misticismo completo é, na realidade, o dos grandes místicos cristãos. Deixemos de lado, de momento, o seu cristianismo, e consideremos neles a forma sem matéria” (BERGSON, 2005, p. 192).

Conforme o pensamento bergosiano, Cristo não figura como o Filho de Deus do cristianismo, mas como aquele que prossegue na consecução da atividade dos profetas de Israel na busca de justiça, pela mensagem do amor. No teor de sua mensagem foi possível a proliferação dessa mensagem pelos seguidores da tradição mística cristã. (p.202)

Importante atentar para o que Macedo (2002) observa:

O Deus do qual fala Bergson é aquele apontado pela mística em todos os tempos, a mística real (ainda que não completa em alguns casos) que não está no cristianismo, nem no judaísmo, nem no budismo, mas foi favorecida pelo advento do cristianismo, que, através de sua mensagem de ação e amor universal, conseguiu maior repercussão. (p.247)

Há particularmente também uma relação entre as duas formas de religião, a *estática* e a *dinâmica*, a respeito da qual não se deve prescindir: o aspecto da

linguagem para a inteligibilidade da experiência mística. A primeira forma de religião é infra-intelectual; e a segunda, supra-intelectual, sendo que não necessariamente, na instalação da *religião dinâmica* no interior da *estática*, seja gerada uma nova religião. Segundo Macedo (2002), “os homens aos quais o místico se dirige já tem uma religião, religião essa que já está, por sua vez, impregnada de mensagens místicas anteriores” (p. 251). Portanto, haverá sempre uma relação dialética entre tais formas na apropriação do místico de um universo simbólico existente da tradição de sua referência.

O que o místico encontra à sua frente é, portanto, uma humanidade que foi preparada para o ouvir por outros místicos, invisíveis e presentes na religião que é ensinada. O seu próprio misticismo está impregnado desta religião, pois foi ela que ele começou. A sua teologia estará em geram em conformidade com a dos teólogos. A sua inteligência e a sua imaginação utilizarão, para exprimir em palavras aquilo que experimenta e em imagens materiais o que vê espiritualmente, o ensino dos teólogos. (BERGSON, 2005, p. 201)

A experiência mística, assim tematizada, indica o fluxo do quarto conceito ressaltado neste artigo: o *élan vital*, o impulso da vida. Segundo a concepção bergsoniana, trata-se da virtualidade da *durée* (duração da existência), da convergência do simples com a probabilidade por meio da *intuição*. Se, em perspectiva biológica, tal convergência acontece como evolução criadora; pela via intuitiva se alcança a origem, o sentido e o destino das manifestações da vida. (ROCHAMONTE, 2016, p. 106)

Através da *religião dinâmica* é possível atingir essa compreensão existencial, captando a energia criadora,

identificando-a como amor: sentido primeiro e último da criação. Pela experiência mística é que tal captação e identificação ocorrem, intensificando o *élan*, o impulso vital, exprimindo-o como uma experiência de amor no envolvimento da alma com Deus, retornando à humanidade.

Coincidindo com o amor de Deus pela sua obra, amor que tudo fez, entregaria a quem soubesse interrogá-lo o segredo da criação. É de essência metafísica ainda mais que moral. Queria, com a ajuda de Deus, contemplar a criação da espécie humana e fazer da humanidade o que ela teria imediatamente sido se tivesse podido constituir-se definitivamente sem o auxílio do próprio homem... A sua direção é a mesma que a do *élan vital*; é esse próprio *élan*, comunicado integralmente a homens privilegiados que queriam imprimi-lo então na humanidade inteira (BERGSON, 2005, p. 198).

O humano, como ser dotado de potencialidades empíricas, intuitivas, que o conduzem a experiências místicas, é o único capaz de ir além do que é natural à sua espécie, promovendo um processo evolutivo criador ético, moral e espiritual; sendo a razão de ser da vida na terra, não pela inteligência, mas por ser capaz de amar. O misticismo, compreendido em sua relação como o *élan vital*, é, pois, um fenômeno raro, permitindo ao homem transcender, evoluir em tais direções. (ROCHAMONTE, 2016, p. 107-108).

No exercício do amor, o gênero humano faz a experiência auditiva da sinfonia divina no criado, percebendo que o sentido e realidade da materialidade é a integração com a dimensão espiritual, a energia criadora, sendo o próprio amor.

Uma energia criadora que fosse amor, e que quisesse tirar de si

mesma seres dignos de serem amados, poderia assim semear mundos cuja materialidade, por oposição à espiritualidade divina, exprimiria simplesmente a distinção entre o que é criado e o que cria, entre as notas sobrepostas da sinfonia e a emoção indivisível que as deixou sair de si. Em cada um destes mundos, o *élan vital* e matéria bruta seriam os dois aspectos complementares da criação, guardando a vida da matéria que atravessa a subdivisão em seres distintos, e permanecendo as forças da quais é portadora conjuntamente confundidas, na medida em que o permita a espacialidade da matéria que as manifesta (BERGSON, 2005, p. 215).

A mística em perspectiva bergsoniana é essa entonação harmoniosa sobre o fluxo da vida, experiencial e propositiva no exercício do amor em suas várias direções. Constatação que ilumina o olhar sobre a peça literária de João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina*.

### **A entonação mística em *Morte e vida Severina***

Sem a pretensão de esgotar as possibilidades hermenêuticas de *Morte e Vida*, pela mediação das concepções religiosas bergsonianas, serão apontadas algumas direções que reforçam a presença de uma entonação mística nesta peça literária.

Em primeiro lugar, a opção do gênero poético como caminho para o desenvolvimento de ideias e ideais, por si mesma denotaria uma sensibilidade espiritual (em sentido abrangente, antropológico) para a assimilação de determinada realidade e tentativa de exprimi-la, mesmo sendo realidade crua e cruel como a descrita por João Cabral, perceptível tanto na obra em análise, como no seu legado literário. A forma de

descrição, mesmo que relatando com dureza, encontra um eco intrigante na poesia, tal como os lamentos presentes no saltério da tradição judaico-cristã. Seria um lirismo tornando inteligível a angústia existencial humana, elegendo uma categoria de linguagem, se não própria, comum aos místicos contemplativos.

Com a poesia, João Cabral de Melo Neto contempla e comunica suas experiências de contemplação. Não prescindindo, obviamente, da considerável gama de influências determinantes para a sua construção poética (estilo, temática, aspectos estruturais), houve um olhar direcionado em *Morte e vida* que rompe com a dimensão tão somente biológica da existência, seguindo um percurso intuitivo, na direção do *élan vital*. Caminho, como já foi dito, que principia pela morte, submergida no desespero e pessimismo do mundo material e concreto; para desembocar na graça e milagre da vida.

O *élan vital*, nesta peça literária, manifestando a presença da energia criadora começa como um horizonte, mesmo que distante, almejado:

Somos muitos Severinos  
Iguais em tudo e na sina:  
A de abrandar estas pedras  
Suando-se muito em cima,  
A de tentar despertar  
Terra sempre mais extinta,  
A de querer arrancar  
Algum roçado da cinza  
(...)  
Passo a ser o Severino  
Que em vossa presença emigra.

Existe um impulso, uma força que desperta no retirante a vontade de transcender e encontrar o bom da vida. Interessante que o rosário, referência constante na religiosidade popular brasileira, aparece como uma espécie de fio condutor da peregrinação de

Severino, vislumbrado no curso do rio Capiberibe. Um rosário que parece fenecer as boas expectativas, quando o rio é cortado pela seca, quando a bala, a fome, o trabalho extenuante secam e ceifam a vida humana.

A persistência de Severino em seguir o curso desse rio é cansativa e frustrante, sem dúvida. Parece que sua peregrinação declinará diante de tantos sinais adversos, de uma sinfonia que saiu do tom e não reencontrará a harmonia. O que antes representava o despertar para o sentido de sua existência, o empurrão para a vida, paradoxalmente é visto como o termo da jornada. Lembrando do que o coveiro descrevia, quer ter o seu encontro derradeiro, neste mesmo rio onde começou sua jornada.

Caixão macio de lama,  
mortalha macia e líquida,  
coroas de baronesa  
junto com flores de aninga,  
e aquele acompanhamento  
de água que sempre desfila  
(que o rio, aqui no Recife,  
não seca, vai toda a vida).

Mas é ali mesmo, onde julgava ser o destino, que o retirante da peça encontra o sentido. Sim, há um elemento de graça nas experiências de comunhão, solidariedade alegria pelo nascimento de uma criança, filho de José, que parece tocar-lhe como o beijo amoroso da vida que irrompeu. Apenas depois dessa experiência de amor pelo filho que nascera, mestre carpina parece ter alcançado o sentido perdido por Severino.

Severino retirante  
deixe agora que lhe diga:  
eu não sei bem a resposta  
da pergunta que fazia,  
se não vale mais saltar  
fora da ponte e da vida;  
nem conheço essa resposta,  
se quer mesmo que lhe diga;

é difícil defender,  
só com palavras, a vida,  
ainda mais quando ela é  
esta que vê, severina;  
mas se responder não pude  
à pergunta que fazia,  
ela, a vida, a respondeu  
com sua presença viva.

A narrativa, como jornada espiritual pelo impulso da vida encerra com o mesmo apelo ao encantamento, à energia criadora que invade o criado e o inspira a fazer o retorno à origem que alimenta sonhos e ilumina certezas. Convida à experiência mística de envolvimento com os gestos concretos e doces do amor, contrapostos a concretude da frieza nas relações, da fome, das injustiças sociais que insistem em secar definitivamente o rio que sacia a sede, refrigera e conduz o ser humano a seguir em frente.

### Conclusão

Enquanto este artigo estava em elaboração, o Brasil somava mais de 20 mil mortos, vítimas da COVID-19. Severinos, Marias, Josés, finados Zacarias que alcançaram o termo da jornada vendo, às margens do rio da vida, suas esperanças secarem.

Destes, seja preservada a memória!

### Referências

- BERGSON, Henri. *As duas fontes da moral e da religião*. Coimbra: Almedina, 2005.
- BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. *Mística e espiritualidade*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: KOINONIA, 2003.
- MACEDO, Cecília Cintra Cavaleiro de. *Mística, religião e filosofia: indicações para uma metodologia de estudo da mística na obra de Henri Bergson*. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Nas teias da delicadeza: itinerários místicos*. São Paulo: Paulinas, 2006. P. 237-265.
- MELO NETO, João Cabral de. *Poesias completas: 1940-1965*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Morte e vida Severina: auto de Natal pernambucano*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- MICCOLI, Paolo. Henri Bergson (1959-1941): *A entonação mística do filosofar*. In: GIBELLINI, Rosino; PENZO, Giorgio (Orgs.). *Deus na filosofia do século XX*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2002. P. 75-87.
- ROCHAMONTE, Catarina. Henri Bergson: mística e método. In: *Paralellus*, Recife, vol. 7, nº 14, jan/abr. 2016, 099-115.
- SUTTANA, Renato Nésio. João Cabral de Melo Neto e as exigências da crítica da segunda metade do século XX. In: *Signótica*, Goiânia, vol. 27, nº 1, p. 17-44, jan/jun. 2015. TILLICH, Paul. *Textos selecionados*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.
- VELASCO, Juan Martín. *El fenómeno místico*. 2ª ed. Madri: Trotta, 2003.

Recebido em 2020-05-26  
Publicado em 2020-06-07